

O berimbau de Naná Vasconcelos na vanguarda da música contemporânea

No texto abaixo – escrito para a publicação que acompanha a mostra –, Paulo Henrique Barbosa Souza Chagas (), músico e autor de pesquisa concentrada no berimbau e na obra de Naná, analisa a contribuição do artista homenageado na mostra para o berimbau e a música do mundo*

O berimbau, um arco musical tradicional da cultura afro-brasileira, tem suas raízes em instrumentos milenares e ganhou maior propagação por meio da sua prática na capoeira, na qual ocupa um papel de extrema importância com seus toques, que conduzem a dinâmica e a musicalidade dos grupos. Nessas atividades, existem toques específicos criados por importantes mestres de capoeira, como Bimba, Pastinha e Waldemar, entre muitos outros que contribuíram e contribuem nessa história. A repercussão mundial do instrumento saiu, majoritariamente, dos toques de capoeira e de suas reformulações e variações sonoras, passando pelas mãos de muitos percussionistas para destacar a identidade brasileira com sua estética visual e sonora.

O músico e percussionista Naná Vasconcelos foi um dos que explorou as possibilidades do instrumento. De uma forma orgânica, ele enxergou o berimbau como um instrumento solo, levando ao aprimoramento da técnica pelo lado virtuosístico e musical, trabalhando o instrumento em sua essência e sem o uso de recursos externos ou adaptações na sua estrutura tradicional, o que o diferenciou de outros percussionistas de sua época, que usavam o berimbau com os toques tradicionais de capoeira (e suas variações) em gravações e *performances*. Naná aplicou outras formas de toques, bem como outras métricas musicais e sonoridades fora das tradições e dos limites até então estabelecidos. Por ele, o berimbau foi usado em diferentes ritmos e contextos da música, trabalhando o refinamento sonoro, sua afinação e diferentes estilos. Expandiu o seu vocabulário incorporando influências do *jazz*, da música eletrônica, do contexto orquestral e de tradições musicais globais. Um exemplo claro desse resultado foi *Dança das cabeças*, disco de Egberto Gismonti gravado em parceria com Naná Vasconcelos em 1976, premiado na Inglaterra como música popular, nos Estados Unidos como música folclórica e na Alemanha como música erudita.

Dentro da variedade de projetos desenvolvidos pelo músico enquanto viveu na Europa, podemos dar destaque a dois: um com Jan Garbarek, saxofonista norueguês, e outro com o grupo CoDoNa, formado pelos músicos Collin Walcott, Don Cherry e Naná Vasconcelos. Em contato com esses músicos, ele desenvolveu o uso do espaço (por exemplo, as notas longas feitas por Garbarek) e o silêncio na percussão, revelando um diálogo em que se observam o poder de criação e o respeito percussivo em meio a um estilo de música que exige muita sensibilidade. As experiências no CoDoNa foram

relatadas por Naná como sendo das situações mais imprevisíveis de sua vida, pois era um ambiente de junção entre culturas e diálogos musicais, com o uso de uma instrumentação diferenciada entre os integrantes do grupo, com muitos improvisos. O diálogo musical na formação do CoDoNa acontecia com a diversidade de timbre dos instrumentos: tablas, sanza (kalimba), trompete, cítara, guitarra, berimbau, cuíca, caxixis, *talking drum*, agogôs e *cowbells*, além de muitos outros. O projeto foi contemplado com várias premiações e reconhecimentos pelo mundo, sendo considerado por alguns críticos como o pioneiro do que chamamos atualmente de *world music*.

Naná potencializou o berimbau fora do Brasil e afirmava ter medo de tocar o instrumento em seu país por causa de sua tradição cultural na capoeira, pois poderia ser visto como alguém que queria mudar a tradição ou desrespeitá-la. Sendo assim, praticamente toda a sua jornada com o instrumento foi desenvolvida no exterior.

A partir de 1994, após muitos trabalhos realizados e lançados fora do Brasil, Naná voltou a direcionar seu estilo para o seu país de origem, mostrando que o berimbau pode ir muito além do cenário da capoeira, lançando álbuns como *Contando estórias* (1994), *Contaminação* (1999), *Minha Lôa* (2001), *Chegada* (2005), *Trilhas* (2006) e *Sinfonia & batuques* (2010). Neste último existe uma extensa experimentação da percussão brasileira e da cultura popular, com ritmos e sons feitos com água, além de trabalhos com o ritmo maracatu, com grupos de crianças e com uma instrumentação diversificada. *Sinfonia & batuques* levou o percussionista a ganhar o prêmio Grammy Latino na categoria de Melhor Álbum de Música de Raízes Brasileiras – Regional Nativa, em novembro de 2011.

Nos seus últimos 15 anos de carreira, ele esteve à frente da abertura do Carnaval do Recife, reunindo mais de 500 integrantes batuqueiros de vários grupos de maracatu em uma grande cerimônia em prol da cultura pernambucana – tradição que perdura até os dias de hoje. Diante de todo o trabalho realizado em prol da cultura brasileira, recebeu o título de *doutor honoris causa* da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), em 2015 – ano anterior ao de seu falecimento. O título é concedido a personalidades que se destacam, em suas áreas de atuação, pela relevância de seus trabalhos à sociedade, com tratamento e privilégios iguais aos de um doutorado acadêmico.

O trabalho de Naná transcende as barreiras e fronteiras musicais e, ao olhar a forma como o berimbau é usado por compositores da música contemporânea, podemos ver os reflexos de sua técnica nesse contexto musical. Muitas peças para berimbau solo e grupos de câmara apresentam variações de toques e explorações dos quais Naná foi pioneiro. Atualmente, quase toda *performance* com o berimbau passa, de certa forma, pelas experiências de Naná, englobando aspectos sonoros e performáticos. Seu trabalho e sua visão do instrumento assumiram o posto de material de referência para intérpretes e compositores, servindo, ainda que não sozinho, como um estímulo ou mesmo um acesso à linguagem que o berimbau propicia.

A valiosa e magnífica contribuição de Naná Vasconcelos para o berimbau e a música do mundo é prova de como o seu legado perdura e é testemunho da sua genialidade e do desenvolvimento de sua música expressiva.

(*) Paulo Henrique Chagas é músico formado pela Universidade de São Paulo (USP) e mestre na área pela Universidade de Évora, em Portugal, com pesquisa concentrada no berimbau e na obra de Naná Vasconcelos. É fundador a Orquestra Portuguesa de Berimbaus, apoiada pela Câmara Municipal de Lisboa e pela Direção-Geral das Artes do país. Com esse projeto, ele expandiu suas pesquisas e apresentações por Portugal, Alemanha e Brasil. Atualmente, reside nos Países Baixos, onde leciona percussão e lidera projetos culturais.